

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO – Maio/2007 – Vol. II

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO LOUCO E DO ESPAÇO
DOMANICÔMIO: SENTIDOS
PRODUZIDOS E CIRCULADOS NO MANICÔMIO**

Fernanda Moraes D'OLIVO

Kênia M. FRANCO

Mariana Batista de LIMA

(Orientadora): Profa. Dra. Mônica Zoppi-Fontana

RESUMO: Neste artigo, analisamos discursivamente dois filmes que trazem a imagem do louco e do manicômio. Os filmes são os seguintes: “*Um estranho no ninho*” e “*Bicho de sete cabeças*”. Nesse trabalho, procuramos compreender os efeitos de sentido produzidos pelo discurso do insano dentro do espaço manicomial, o imaginário de louco e do próprio espaço de isolamento. Para tal análise, nos baseamos nos dispositivos teóricos e analíticos da Análise de Discurso de perspectiva materialista.

Palavras-chave: Análise de Discurso, imaginário loucura, imaginário manicômio, estereótipo e porta-voz.

1. Introdução

O presente trabalho consiste em analisar discursivamente a questão do louco dentro do espaço do manicômio. Buscaremos observar como se dão as formulações que configuram a identidade do louco e as que constituem o espaço do manicômio, sendo este um lugar de isolamento do sujeito considerado insano. Perguntaremos-nos sobre o modo pelo qual a imagem do interno vai se construindo através de sentidos circulados dentro deste espaço de isolamento social. Por meio do nosso material de pesquisa procuraremos analisar também o espaço-manicômio como um lugar que constitui relações sociais e questionar como este espaço trabalha as fronteiras entre o louco e o não louco, o louco social e o louco mental. É através desses questionamentos que o nosso trabalho analítico será orientado.

2. Teoria utilizada nas análises

Para tal análise, sustentaremos-nos no dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de perspectiva materialista, que teve como fundador Michel Pêcheux. Este se propôs a pensar sobre a linguagem rejeitando as evidências dos sentidos e os lugares já-estabilizados e, para esta reflexão, apresenta o trabalho com a materialidade da língua, no entremeio da trilogia de

conhecimento composta por língua /materialismo histórico /inconsciente, levando em conta a contradição e o confronto entre teoria e sua prática analítica. A A.D. toma como objeto de análise o discurso, no qual estão inscritas a historicidade e a ideologia, consideradas sempre nas análises como elementos constitutivos.

3. Corpus de análise

Nosso corpus é formado por três filmes, nos quais há a presença do espaço do manicômio. Os filmes são os seguintes: “*Um estranho no ninho*” (EUA, 1975) e “*Bicho de sete cabeças*” (Brasil, Itália, Suíça, 2000).

Dos dois longa-metragens, foram selecionadas cenas para análise. O recorte das cenas a serem analisadas foi sistematicamente centrado no próprio espaço do manicômio e, mais ainda, nos dizeres produzidos dentro deste lugar pelos internos e pelas pessoas que trabalham em contato direto com eles (médicos, enfermeiros, religiosos, etc.).

O trabalho de recorte foi orientado pelas condições de produção, já que essas condições são fundamentais para a constituição da imagem dos sujeitos, das suas posições discursivas e dos efeitos de sentido produzidos e circulados dentro deste espaço que é, antes de tudo, de isolamento.

4. Análises

4.1 . Posição – sujeito e figura do porta-voz

A primeira cena que iremos analisar se refere ao filme “*Bicho de sete cabeças*”. Nesse trecho há a presença de dois personagens: Neto (Rodrigo Santoro) e um velho interno do manicômio. O discurso presente nessa cena nos permitiu uma reflexão a respeito da posição – sujeito do velho. Essa reflexão foi possível devido às marcas discursivas que irão configurar em pistas para a compreensão do funcionamento discursivo.

O primeiro enunciado presente nesta cena- “*Vâmo embora, vai. Até os demônios de branco respeitam esse homem, vai*”- nos permite observar que o velho ocupa uma posição discursiva diferente da posição ocupada pelos outros loucos que se encontram confinados dentro do mesmo manicômio. Isto é possível ver principalmente pelo enunciado “*até os demônios de branco respeitam esse homem*”. Aqui é possível ver que o velho e o seu discurso são respeitados por médicos e enfermeiros, fazendo-nos perceber que os dizeres do velho produzem efeitos de sentido diferentes dos efeitos produzidos pelos discursos dos outros internos. Os sentidos circulados por meio dos dizeres do velho são considerados, são respeitados, pois se ele é respeitado,

conseqüentemente, o que diz também é. Isto causa um deslocamento na fronteira estabelecida entre a loucura e a sanidade, pois segundo Foucault (2004), o discurso do louco não é circulado como o discurso dos outros sujeitos considerados loucos. Algo interessante para se observar é a presença do advérbio “até” presente no trecho: “Até os demônios de branco respeitam este velho”. Este enunciado nos faz perceber que o velho é respeitado pelos outros internos e pelos funcionários do manicômio (“*demônios de branco*”) e isto o desloca de uma posição comum do seu grupo e o coloca em um lugar diferente, um lugar de destaque, devido ao respeito que sua imagem passa para os outros. A imagem que este velho projeta para os outros sujeitos o coloca na posição discursiva da sabedoria, da experiência, ou seja, a posição do sábio¹. Através da pista deixada por esta marca discursiva, podemos observar o funcionamento de relações sociais estabelecidas dentro do espaço do manicômio, em que há um sujeito que ocupa um lugar social diferente dos outros, um lugar social de destaque perante os outros do mesmo grupo e ocupa também uma posição discursiva de destaque dentro do seu grupo e perante a sociedade.

A posição discursiva em que o velho se inscreve é diferente da posição ocupada pelos outros membros do seu grupo, ele está na posição detentor de uma sabedoria. É uma posição que o destaca, porém não podemos o colocar na figura de porta-voz, pois ele não fala a um poder exterior em nome do seu grupo, nem reivindica nada a esse poder. Fala penas de suas reflexões sobre o que é loucura, mas fala apenas em seu nome e não “representa” nenhum grupo.

Para a constituição da posição-sujeito do velho é muito interessante observar e buscar compreender o silêncio do outro personagem (Neto) enquanto o velho fala. O silêncio de Neto significa para a constituição da posição discursiva do velho (posição de sabedoria e de experiência), pois é somente os seus dizeres que vão circular por aquele ambiente e ter um poder, porque são as suas palavras que são trazidas para a fala. O silenciamento da personagem Neto trabalha aí, no acontecimento da cena, como reafirmação da posição de sabedoria do velho. É interessante observar que no final do discurso feito pelo velho neste trecho da cena aparecem advérbios (na forma coloquial) que ele utiliza para se dirigir a Neto: “*Vai ali e leia*”. Notamos, assim, que ele não pede ao outro interlocutor para fazer algo e sim o manda fazer. Caso ele dissesse: “*Você poderia ir ali e ler?*”, haveria um deslize de sentido, tornando um pouco diferente a posição discursiva do velho, não o colocando mais na posição de sabedoria.

É interessante observarmos os discursos presentes no filme “*Um estranho no ninho*” para a análise da figura de porta-voz. Em algumas cenas deste filme,

1. O fato do velho passar os seus conhecimentos para Neto provoca um efeito de sentido que nos remete a pensar na posição discursiva de sábio.

McMurphy, um dos internos do manicômio, ocupa a posição discursiva de porta-voz, pois ele reivindica algo em nome do seu grupo junto ao poder (a enfermeira-chefe) que ele afronta. Isto é possível ver no seguinte enunciado realizado por McMurphy: *“Hoje, se sabem ou não importa, é o início do campeonato mundial. Gostaria de sugerir passar o trabalho para noite para assistirmos ao jogo”*. O discurso de McMurphy funciona como um discurso de negociação e nos mostra a sua posição discursiva de porta-voz, sendo que esta posição é possível de ser observada no seguinte trecho:

McMurphy: *Hoje, se sabem ou não, não importa... é o início do campeonato mundial. Gostaria de sugerir passar o trabalho para a noite para assistirmos ao jogo.*

Srta. Ratched: *Bem, está pedindo que mudemos um horário cuidadosamente planejado.*

McMurphy: *Uma pequena mudança não dói. Um pouco de variedade.*

Srta. Ratched: *Não é necessariamente verdade. Alguns aqui levam muito tempo para se adaptar ao programa. Uma mudança agora pode ser muito perturbadora.*

McMurphy: *Dane-se o programa. Podem voltar a ele depois. Eu estou falando do campeonato mundial, enfermeira Ratched.*

Srta. Ratched: *Bem, não é assim que se procede nesse caso. Que tal se votássemos e deixássemos a maioria decidir?*

McMurphy: *Ótimo, vamos votar.*

O trecho colocado acima reafirma a posição de porta-voz ocupada por McMurphy, pois mostra que o sujeito se inscreve em uma posição de negociador do seu grupo e esta em contato imediato com o adversário exterior que, no caso da cena que estamos analisando, este adversário é a enfermeira-chefe.

É interessante observarmos também, nesta cena, que o interno que ocupa a posição de porta-voz (McMurphy) disputa a posse da dominância discursiva com a enfermeira, que coordena a reunião. Existe um jogo de disputa de poderes aí. Esta disputa pela dominância discursiva nos leva a refletir sobre o discurso polêmico, definido por Orlandi (1987) como sendo o discurso em que existe a busca de privilegiar um ou outro sentido, dependendo do interesse particular de cada sujeito. Este jogo competitivo pela dominância discursiva nos permite observar a posição – sujeito de McMurphy, sendo uma posição diferenciada em relação a posição discursiva ocupada pelos outros sujeitos internos e nos mostra um deslocamento na fronteira formada entre a loucura e a sanidade, pois um sujeito, confinado em um manicômio, se coloca em posição de disputa discursiva com a enfermeira (poder a ser confrontado) e suas palavras provocam efeitos de sentido neste jogo de disputa. Deste modo, os

sentidos circulados pelas suas palavras são considerados pelo menos pela “sociedade” constituída dentro do espaço manicomial.

A posição-sujeito ocupada por McMurphy nos faz questionar a respeito do que é ser louco, nos coloca diante da fronteira existente entre o louco e o não – louco. O trecho relevante para esta reflexão é o seguinte:

Srta. Ratched: *Sentem-se, senhores. Sentem-se. (O interno que se queimou é levado à força para fora da sala).*

Cheswick: *Regras? Que se danem as drogas das regras!*

McMurphy: *Sente-se Cheswick.*

Cheswick: *Fique sabendo agora mesmo, srta Ratched, não sou um bebê! c: Sente-se.*

Cheswick: *Não sou criança! Por que vai guardar meus cigarros como biscoitos? Quero que faça algo. Certo, Mac?*

McMurphy: *Certo. Agora, sente-se.*

Cheswick: *Não, não sento! Não sento! Quero, quero que algo seja feito!*

Srta. Ratched: *Sente-se.*

Cheswick: *Quero que algo seja feito! Quero que algo seja feito!(McMurphy quebra o vidro da sala de onde as enfermeiras vigiam os internos, e retira de lá um pacote de maços de cigarros).*

McMurphy: *Aqui! (entregando para Cheswick).*

É interessante observar neste trecho que os dizeres de McMurphy dando ordens a outro interno o coloca em uma mesma posição discursiva da enfermeira que também dá as mesmas ordens a este mesmo interno. É interessante notarmos aqui que um indivíduo confinado dentro do manicômio se encontra em uma mesma posição discursiva da enfermeira do local onde ele está isolado socialmente. Ocorre aí um deslocamento na fronteira entre o discurso do louco e do não louco, em que o discurso deste último passa a ter o mesmo efeito de sentido que o discurso pronunciado pela enfermeira. Os discursos desses dois personagens têm um funcionamento discursivo semelhante, que é o de ordenar algo, que no nosso caso, era ordenar que um dos internos se sentasse, mostrando, desta maneira, um jogo de disputa de posições a serem ocupadas no discurso presente nesta cena.

4.2. Análise do imaginário de louco, de loucura e de manicômio:

Há um momento, no filme “*Bicho de sete cabeças*”, em que o velho apresenta a suas idéias a respeito do que é ser louco e do que é loucura. Isto nos permite questionar sobre os sentidos que estão presentes na caracterização do louco. As proposições presentes no discurso do velho, que nos permite tal reflexão são as seguintes: “*Nenhum médico jamais me disse que a fome e a*

pobreza podem levar a um distúrbio mental. Mas quem não come fica nervoso, quem não come e vê seus parentes sem comer pode chegar à loucura. Um desgosto pode levar à loucura, uma morte pode levar à loucura, uma morte na família. O abandono do grande amor. ” Os enunciados colocados aqui nos possibilitam observar os sentidos que formulam a imagem que um sujeito, confinado em um manicômio, tem do louco e os efeitos de sentido provocados por esta imagem. O imaginário de louco citado no trecho acima é constituído através das mazelas sociais. Os dizeres do velho nos remetem a refletir sobre o modo pelo qual se constrói a fronteira entre o louco mental e o louco social.

O louco social não é aquele que se encontra dentro de um estereótipo de loucura, dentro de uma categorização médica feita para caracterizar a loucura. Um trecho muito interessante para pensarmos a respeito da estereotipação da loucura é o seguinte: *“A gente até precisa fingir que é louco sendo louco.”* Nesse excerto podemos observar de um questionamento sobre o que é ser louco, pois precisa-se fingir a loucura mesmo a tendo. Esse enunciado nos remete a pensar na estereotipação da loucura, que possui um sentido estabilizado na sociedade, pois só é louco aquele que se encaixa dentro de uma determinada característica já posta pela sociedade e só este louco vai se significar como tal; os outros que estão fora deste já-estabelecido têm que se colocar dentro das características determinadas, e assim “fingem” (loucura estereotipada) a loucura que já têm. Essa loucura estereotipada é geralmente a do louco mental. O estereótipo da loucura está sustentado no pré-construído, pois esta estereotipação só se significa porque os sentidos circulados por meio do já dito sustentam o discurso que temos hoje a respeito da imagem do louco. Entra aí o trabalho da memória discursiva (interdiscurso).

Para a análise discursiva do imaginário de louco é muito interessante também observarmos a cena do filme *“Um estranho no ninho”*, na qual McMurphy está sendo avaliado por médicos que vão dizer se ele é louco ou não. Nesse momento o personagem de McMurphy traz uma definição de louco. O trecho é o seguinte: *“McMurphy: O que quer que eu faça? (gesticulando de uma forma que nos faz pensar em um estereótipo de louco). Isso é ser louco o bastante? Quer que eu recolha merda do chão?”* Esse trecho nos mostra a estereotipação da loucura, que é sustentado pelo pré-construído, ou seja, é sustentado pelos discursos já ditos a respeito da loucura. Nesta cena aparece uma categorização de um sentido remetido ao louco, sentido este que é circulado pela e na sociedade e até dentro do manicômio. Este estereótipo trata apenas do louco mental. Entra aí, então, o mecanismo de antecipação, em que há uma antecipação da imagem que os outros têm a respeito do próprio louco, deste modo, há uma antecipação em relação aos sentidos que os dizeres do louco irão produzir. Podemos observar este mecanismo de antecipação funcionando também na cena selecionada de *“Bicho de sete cabeças”* quando o

velho diz que é preciso “*fingir ser louco mesmo sendo louco*”. Ou seja, é preciso se colocar dentro de um estereótipo de loucura para ser louco e os sentidos circulados através do discurso do louco já possui uma significação esperada e os efeitos destes sentidos são excluídos pela sociedade, pois a palavra do louco é desconsiderada.

Os sentidos que constituem o estereótipo de louco e de loucura nos fornecem pistas sobre o modo que a fronteira entre o louco mental e o louco social é constituída. Esta formulação tem como uma de suas bases a própria estereotipação.

Para analisar a questão do imaginário de manicômio iremos trabalhar com o poema escrito pelo velho na parede do seu quarto, que aparece no filme “*bicho de sete cabeças*”. Este poema traz palavras cujos efeitos de sentido nos permitem inferir que ele (velho internado) formula um imaginário do espaço do manicômio. Os enunciados “*No lado de lá, onde eu caí/Pro lado de cá não tem acesso/ Mesmo que me chamem pelo nome/Mesmo que admitam meu regresso/ Toda vez que eu vou a porta some/ A janela some na parede...*” nos permitem observar a produção de um efeito de sentido baseado no isolamento provocado pelo manicômio em relação à sociedade. Os sentidos circulados nesse poema nos levam a pensar na questão do isolamento social, pois esse poema, ao trazer o imaginário de manicômio que um próprio interno tem quando diz: “*toda vez que eu vou a porta some*” traz a questão da fronteira formada entre o louco e a sociedade e entre esta e o manicômio, sendo que este espaço de isolamento/separação tem um papel fundamental na produção dos sentidos e nos efeitos destes dos dizeres dos loucos que estão confinados neste espaço e como este sentidos podem ser significados diferentes quando são circulados na sociedade. O manicômio é o lugar do louco, onde tem uma concentração de indivíduos caracterizados com o mesmo problema, permitindo, assim, que os discursos feitos pelos loucos tenham seus sentidos considerados, fato que não aconteceria se os dizeres do louco estivessem sendo circulados pela sociedade fora do manicômio. Na cena em que aparece o poema, há um trecho muito interessante que nos leva a pensar em outros sentidos para o manicômio. Trata-se de uma imagem de Neto atrás das grades. Analisaremos aí um elemento não-verbal. Observamos, através da presença das grades o trabalho da memória discursiva, que nos remete a relacionar as grades dos manicômios com as grades de uma prisão, pois todos os sujeitos que se localizam confinados nestes locais foram marginalizados pela sociedade porque ofereciam algum perigo a ela. Essa reflexão foi possível devido aos efeitos de sentido que as grades provocam, nos levando a fazer essa relação entre manicômio e prisão. O poema e essa cena configuram em regularidades que nos possibilitam ver um funcionamento discursivo sustentado na questão do isolamento social, proporcionado pelo espaço do manicômio.

5. Palavras finais

Após a realização desse trabalho de análise discursiva do louco dentro do espaço do manicômio, pudemos ver como o ambiente é fundamental para a produção dos sentidos e dos efeitos destes. Na nossa busca pela compreensão da constituição da fronteira existente entre a loucura e a sanidade, pudemos ver que esta fronteira é frágil, e por isso deslocamentos se dão nesta linha tênue entre o louco e o não-louco.

Observamos estes fatos em cenas de filmes, mas através de dispositivos teórico-analíticos da Análise do Discurso pudemos refletir sobre o que compreendemos do funcionamento discursivo existente nas cenas selecionadas para análise e pudemos, através do nosso percurso analítico, refletir sobre a questão da loucura versus sanidade, louco mental versus social no nosso mundo real, ou seja, fora das telas de cinema. Seria muito interessante procurarmos compreender o funcionamento discursivo e os efeitos de sentido dos dizeres do louco no espaço do manicômio, mas na vida real. Desta forma, poderíamos mostrar com mais exatidão como o louco entra e (se) significa no jogo de/da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FOUCAULT, M. (2004). *A Ordem do Discurso*. Ed. Loyola, S. P.
- _____. (1997). *História da loucura na idade clássica*. Ed. Perspectiva, S. P.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. Ed. Pontes, Campinas.
- _____. (2001). *Discurso e texto, formulação e circulação dos sentidos*. Ed. Pontes, Campinas.
- _____. (2002). *Análise de discurso, princípios e procedimentos*. Ed. Pontes, Campinas.
- _____. (2002). *As formas do silêncio*. Ed. Unicamp, Campinas.
- PÊCHEUX, M. (1990). *Delimitações, inversões, deslocamentos*. Cadernos de Estudos Lingüísticos (19), Campinas.